



**O comportamento eleitoral da Nova Direita:
Análise do debate desenvolvido por Antônio Flávio Pierucci**

Maria Leticia Juliano Diniz Brito¹

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo analisar o debate desenvolvido pelo sociólogo brasileiro Antônio Flávio Pierucci sobre o comportamento político da Nova direita durante a década de 80 e 90 na cidade de São Paulo. Além disso, pretendeu-se examinar como o autor ao fazer a sua pesquisa se apropria das escolas canônicas do comportamento eleitoral, a saber: (1) o modelo da escola sociológica (2) o modelo da “escola de Michigan” e (3) o modelo da escolha racional (*rational choice theory*). Com a finalidade de apresentar a temática desenvolvida por Pierucci, optou-se por percorrer por ordem cronológica os seus textos, já que os mesmos seguem nesse mesmo sentido ao analisar a conduta política dos eleitores da direita ao longo de algumas eleições. Como resultado, a análise tipológica demonstrou que a pesquisa de Pierucci se utiliza de duas teorias explicativas do voto, podendo ser classificada como do "Tipo "híbrido. A discussão feita pelo autor contribuiu de forma significativa para esta linha de pesquisa, conseguindo eliminar grandes lacunas na compreensão do modo como o eleitor decide seu voto.

Palavras-chave: Comportamento Eleitoral. Nova Direita. Flávio Pierucci.

**The electoral behavior of the New Right:
The Analysis of debate made by Antônio Flávio Pierucci**

¹ Mestranda em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil. End.: Avenida Prof. Lineu Prestes, 338. Cidade Universitária, São Paulo-SP - Brasil - CEP 05508-080 - E-mail: mariazinha_juliano@hotmail.com.

Recebimento: 23/09/2013 • Aceite: 04/12/2013

Abstract

This study aimed to analyze the debate made by Brazilian sociologist Antônio Flávio Pierucci about the voting behavior of the New Right during the 80 and 90 in São Paulo city. In addition, we intended to examine how the author to do his research appropriates the canonical schools of electoral behavior, which are those that follow: (1) the sociological model, (2) the social-psychological model and (3) the economic/rational choice model. In order to present the theme developed by Pierucci, we chose to show in chronological order your texts, as they follow in the same direction when analyzing the political behavior of voters along some elections. As a result, typological analysis has shown that Pierucci combines elements of two theories, so, his study may be classified as "hybrid type". The argument made by the author contributed significantly to this line of research, managing to eliminate large gaps in the understanding of how voters decide their vote.

Keywords: Electoral behavior. New Right. Flávio Pierucci.

Introdução

A representação e a formação da autoridade política nas democracias dependem diretamente do processo eleitoral, e este, por sua vez, depende do comportamento dos votantes (FIGUEIREDO, 1991; FREIRE, 2001). Como se sabe, em época de eleições, o indivíduo tem diante de si várias escolhas a serem feitas, a começar pela decisão de comparecer ou não às urnas – mesmo em casos em que o voto é obrigatório, como no Brasil – e, em se decidindo pelo comparecimento, sua segunda decisão consiste na escolha dos candidatos e/ou partidos de sua preferência. Obviamente, tais decisões têm um impacto direto, seja na formação dos governos, seja na legitimação do próprio regime democrático.

Então, em razão dessa centralidade no funcionamento das instituições representativas, desenvolveu-se na Ciência Política uma importante linha de pesquisas teóricas e empíricas dedicadas à busca de explicações para o comportamento eleitoral. O foco principal das investigações é entender como

o eleitor decide o seu voto e quais são as motivações que estão por detrás das suas escolhas.²

Na tentativa de contribuir na compreensão de como estão estruturados as escolhas eleitorais dos brasileiros, Antônio Flávio Pierucci (PIERUCCI, 1987, 1989, 1999; PIERUCCI & LIMA, 1991, 1993) se dedicou ao estudo das bases sociais das forças políticas de direita entre os anos 1985 e 1992 na cidade de São Paulo. O seu intuito foi o de analisar quem eram, como pensavam e onde moravam os indivíduos que estavam depositando o voto em candidatos e partidos conservadores. A partir dessa indagação, Pierucci desenvolve uma série de artigos retratando o fenômeno que ele denomina como sendo o da “nova direita”.

Deve-se ressaltar que a análise desenvolvida por Pierucci parte de uma vertente analítica de visão marxista, já que na sua concepção a variável de classes sociais exerce grande influência no modo de conduta dos indivíduos. A corrente marxista sustenta que os fatores econômicos, no nível estrutural mais básico, ou seja, das relações de produção derivadas do modo de produção, e a consciência do pertencimento de classe são os dois motivos centrais e de maior importância no momento da escolha política dos indivíduos, fundamentalmente porque os eleitores votariam nos candidatos e partidos que representassem as demandas de suas classes sociais.

² A maioria dos estudos sobre o comportamento eleitoral aponta a existência de três correntes teóricas na literatura acadêmica internacional, a saber: (1) o modelo da escola sociológica (2) o modelo da “escola de Michigan” e (3) o modelo da escolha racional (*rational choice theory*). Há, contudo, algumas divergências quanto a essa divisão, como é o caso de Figueiredo (1991), que propõe uma quarta linha de investigação: a demográfico-descritiva. De modo sucinto, para a teoria sociológica as condições sociais explicam como se formam as divisões e os consensos políticos dos eleitores. Dessa maneira, para entender como um eleitor vota, é preciso ter em vista o grupo social ao qual ele pertence, uma vez que ali são formadas suas opiniões e preferências. A teoria psicossociológica, também conhecida como “escola de Michigan”, propõe uma abordagem voltada especificamente para as atitudes individuais num nível psicológicomais básico, pois, para os pesquisadores dessa vertente, a ação política tem como motivação as percepções e opiniões que o eleitor estabelece em seu processo de socialização no âmbito familiar. A teoria da escolha racional, por sua vez, desenvolveu-se a partir do modelo downsiano aplicado às decisões democráticas, o qual afirma que o o eleitor agiria sempre de forma racional (instrumental) para alcançar os seus objetivos, buscando a forma mais otimizada possível para sua obtenção.

Dito isso, este trabalho pretende examinar como o autor compreende o comportamento político e eleitoral paulistano e assim mostrar quais foram as suas descobertas para o entendimento desse fenômeno que é de tão difícil apreensão. Além disso, tentaremos na medida do possível, indicar como o autor ao construir o seu estudo se utiliza das escolas internacionais do comportamento eleitoral. Com a finalidade de apresentar a temática desenvolvida por Pierucci, optou-se por percorrer por ordem cronológica os seus textos, já que os mesmos seguem nesse mesmo sentido ao analisar a conduta política dos eleitores da direita ao longo de algumas eleições.

Em um primeiro momento do texto, o enfoque será o de retratar quem é esse grupo que Pierucci (1987) está pesquisando. Afinal, por que estamos diante de uma nova direita? Quais são suas principais características? Que tipo de discursos elas apresentam? Feito esse reconhecimento, tentaremos dar um passo adiante nas análises do autor (1989) e mostraremos como a direita é examinada geograficamente e sociologicamente nas eleições a partir de 1985.

Em um segundo momento, será mostrado como a expansão desse eleitorado conservador modificou as suas bases de apoio, ganhando adesão das classes mais ricas, levantando a hipótese de que comportamento eleitoral de parte desses paulistanos, poderia não se manter fiel ao longo tempo, por se tratar de um voto estratégico volátil. Idéia que será alterada, já que ao contrário do que a princípio pareceria, ao analisar a eleição de 1992, Pierucci e Lima (1993) percebem que esse eleitorado tem tudo para se firmar com a direita devido a consolidação do PT como um partido viável.

A Nova Direita

Em 1985 a população da cidade de São Paulo, após o golpe de 1964, pode eleger pela primeira vez o seu prefeito pelo voto direto. A direita de Jânio Quadros (PTB) foi a grande vitoriosa na disputa, com 37,5% dos votos para a surpresa de todos que achavam que o (P)MDB tinha conquistado o seu

espaço entre as preferências do eleitor paulistano.³ Diante desse primeiro panorama, Antônio Flávio Pierucci começa a questionar quem são as bases dessa direita: onde vivem, como elas pensam e decidem o seu voto. Está aí o germe de uma série de artigos (PIERUCCI, 1987, 1989, 1999; PIERUCCI & LIMA, 1991, 1993) em que o autor irá se debruçar para entender esse novo universo e como ocorre a sua expansão ao longo dos pleitos.

Inicialmente, o autor (1987, 1989) se deterá sobre os resultados conquistados pela direita na eleição de 1985 e na de 1986 - em que Paulo Maluf ficou em terceiro lugar, com 19,4% dos votos na cidade de São Paulo - e ainda sobre os dados obtidos em uma pesquisa qualitativa realizada com 150 ativistas voluntários da campanha de Jânio e /ou de Maluf. A investigação consistirá em compreender as bases sociais do voto conservador em São Paulo (PIERUCCI, 1987) e a sua distribuição geográfica (PIERUCCI, 1989).

Quem são eles? Que direita é essa? As entrevistas realizadas por Pierucci (1987) permitiram constatar que algumas idéias-chaves apareciam com certa insistência no discurso desses ativistas e a partir disso, o estudioso pode avaliar e analisar o seu conteúdo com a finalidade de tentar decifrar o seu universo mental. Apesar da pluralidade de ideologias e posicionamentos existentes nessa direita, como ressalta o autor, é possível delinear as suas principais características, o que faz ele crer que se trate de um novo fenômeno, o qual ele denomina como sendo o da “nova direita”.

O elemento mais evidente dessa direita é sentirem-se ameaçados pelos criminosos, pelos imigrantes nordestinos, pelas mulheres liberadas, pelo homossexualismo, entre outros. Eles acreditam que os seus valores morais e identidade estão se perdendo e que a qualquer momento tudo pode se desmoronar e esse medo faz com que eles busquem nas camadas mais baixas grupos em que possam despejar todo o seu ódio e ressentimento.

Diante desse contexto, eles querem e apoiam soluções autoritárias e mais severas para os crimes. O sintagma direitos humanos, por exemplo, é logo

³ Vide as eleições anteriores e a de 1982 em que Franco Montoro (PMDB) é eleito governador de São Paulo com a maioria dos votos na capital (42,1%), o que parecia confirmar a hipótese de que o (P)MDB estava se estabilizando na metrópole paulista (BOLIVAR, 1980).

associado a idéia de mordomia para os presos, o que eles são, é claro, totalmente contrários. A igreja católica, para eles, é grande defensora dessa proposta e por isso, são majoritariamente contrários a influência ou a participação dos cleros na vida política. Deve-se ressaltar que eles serem anticlericais não significa que sejam anti-religiosos, muito pelo contrário.

O catolicismo está presente na vida de muitos desses entrevistados e se por um lado ele incita posicionamentos contrários ao aborto, ao divórcio, ao amor livre e ao homossexualismo, por outro lado favorece um discurso menos repressivo a criminalidade. Os religiosos católicos são menos favoráveis às penas capitais do que o restante desse grupo. O autor dá o exemplo da pena de morte e mostra que há na direita posições que não são destrutivas da vida humana e que não levam as transgressões as últimas consequências. Esse discurso parece ter bases sólidas para persistir, contudo, não parece ter espaço para se disseminar nessas camadas da população metropolitana, onde o discurso da insegurança já é hegemônico.

Para eles, São Paulo já foi uma cidade segura, em que não havia bandido e em que se podia circular pelas ruas tranquilamente, sem medo de se abordado por um delinquente e ser conseqüentemente assaltado. A percepção é que hoje a cidade saturou e os imigrantes que nela chegam, principalmente os oriundos do Norte e Nordeste, só fazem aumentar a criminalidade, o desemprego e a pobreza. O sentimento de que tudo está se deteriorando, que a violência só vem aumentando gera só mais indignação moral e preconceito social contra os que estão abaixo deles nos estratos sociais: negros e imigrantes, por exemplo.

A antropóloga Teresa Caldeira (2000) chegou a alguns resultados bem próximos aos de Pierucci (1987) a partir de entrevistas e pesquisas de campo realizadas na cidade de São Paulo entre 1989 e 1991. O seu intuito foi analisar como as questões da violência e do crime estavam inseridos na visão das pessoas e na paisagem urbana e como essas narrativas davam um novo significado às experiências individuais e ao contexto onde ocorriam.

De acordo com a pesquisadora, a percepção do aumento da criminalidade criou nos indivíduos a valorização da desigualdade e o incentivo ao preconceito em relação aos vários grupos sociais como meios de distanciar e de se diferenciar, que passam a ser caracterizados de forma estereotipada e depreciativa (são ingnorantes, sujos e preguiçosos). Além disso, a sensação de que as autoridades não conseguem acabar com esse mal, faz com que as pessoas tomem medidas próprias de proteção. Entre as estratégias adotadas está o uso de cercas, muros e câmeras de segurança em suas casas e imóveis.

Diante desse cenário de medo e de tensão, a vertente moralista tem tido uma grande acolhida nesse grupo de direita, já que, para eles, a crise geral nada mais é que uma crise cultural, uma crise dos valores e de maneiras. Pierucci (1987) irá afirmar que para a direita, o discurso moralista se tornou o melhor meio de se chegar até as massas e conquistar os seus votos. Nem mesmo o discurso liberalista econômico consegue angariar tantos eleitores, haja vista que somente pouquíssimos entrevistados, sobretudo entre as pessoas com escolaridade superior, são favoráveis a propostas de se ter uma economia de mercado e “Estado mínimo”. Eles são, na realidade, favoráveis ao intervencionismo do Estado na economia e na vida social, querem serviços públicos de saúde, creches, escolas, transporte coletivo, seguro desemprego e aposentadoria. Por isso, Pierucci (1987) faz um alerta de que é preciso que os políticos da direita não tente mobilizar a sua base apenas a partir de suas propostas sócio-econômicas.

Outro fator que não está mais presente nas militâncias dessa ideologia em São Paulo, diferentemente do que se poderia esperar, é o discurso anticomunista: eles não têm mais medo ante a uma revolução socialista no país, é como se essa possibilidade estivesse ficado presa ao passado. O nervo dessa nova direita, portanto, não é anticomunista e nem liberalista e sim moralista, autoritária e antipluralista.

Dito isso, o segundo ponto que Pierucci (1989) se deterá é o referente a distribuição geográfica dessa nova direita. O autor argumenta que a

importância de se fazer a distribuição espacial do voto não está em apenas perceber a divisão desigual dos rendimentos, mas também em entender os espaços sociais e a sua estruturação, pois eles têm importância sobre o modo como certas coletividades veem e compreendem certos discursos político-eleitorais. Isso significa dizer, que o ato de um indivíduo não pode ser analisado por si só, de forma autônoma e isolada, pois sua ação está em conformidade com o contexto social no qual esse ator político está inserido.

Nesse ponto da argumentação do professor, é possível ver claramente como a sua interpretação se apóia na explicação sociológica do comportamento eleitoral. De acordo com a perspectiva teórica e metodológica dessa escola, somente é possível compreender o comportamento político de um indivíduo se tivermos em vista o contexto social dos grupos ao qual ele pertence, porque suas preferências, ações e decisões são delineadas nas e pelas interações sociais que ocorrem nesse contexto grupal. Contudo, é preciso ressaltar que a natureza dessas relações sociais não pode ser apreciada isoladamente, dado que sua forma é reflexo das condições sociais e econômicas da sociedade. Em razão disso, é preciso identificar a situação sócio-econômica, cultural e de classe do eleitor.

Dessa maneira, segundo o modelo sociológico, o modo como os eleitores votam e como são tomadas as decisões sobre em quem e que partido votar dependerá do seu posicionamento no sistema de clivagens, assim como de seu processo de socialização e de mobilização política. Por isso, segundo Figueiredo (1991, p. 43), para “compreender o voto de um jovem ou de um idoso é necessário conhecer seu contexto social e político: onde esses eleitores vivem e como vivem nesse contexto”. Sendo assim, o ato de um indivíduo não pode ser analisado por si só, de forma autônoma e isolada, pois sua ação está em conformidade com o contexto no qual esse ator político está inserido, e daí a necessidade de uma perspectiva que englobe diversos aspectos ou variáveis do ambiente social.

Por meio dos dados sobre a situação sócio-econômica do eleitorado oferecidos pelas chamadas Áreas Homogêneas⁴ e das informações relativas as zonas geográficas, Pierucci (1989) conseguirá traçar não somente os estratos sociais em que Jânio e Maluf tiveram o melhor desempenho, mas também obterá quais foram as áreas da cidade em que estas candidaturas tiveram mais adeptos.

Em relação a geografia eleitoral da votação de Jânio Quadros em 1985 na cidade de São Paulo, o autor verifica que as adesões eleitorais a esse candidato estão concentradas em certas partes, principalmente nas regiões Leste e Norte⁵, todas situadas nas áreas homogêneas intermediárias (entre os graus 2 e 4). Isso significa dizer que o janiismo não teve aderência naquele momento dos estratos e bairros mais pobres e periféricos, assim como os dos mais ricos, portanto, pode-se afirmar que o eleitorado conservador e autoritário dessa nova direita está entre os de classe média baixa:

Trata-se de setores intermediários em mais de um sentido: (1) são estratos *intermediários* entre a base e o topo da sociedade, (2) que vivem em *bairros intermediários* entre o centro e a periferia, (3) exercendo muitas vezes suas atividades econômicas nos *setores de intermediação* (pequeno comércio e serviços). (PIERUCCI, 1989: 51).

As bases eleitorais de Quadros em 1985 e de Maluf em 1986, ambas mobilizadas em torno do discurso pró autoritarismo, moralismo e antipluralismo, tiveram intersecções. Vejamos. Quando se faz a distribuição da votação de Maluf pelo gradiente das áreas homogêneas, verifica-se que esse candidato teve seus piores desempenhos nos dois extremos do

⁴ De acordo com Pierucci e Lima (1991), a divisão em áreas homogêneas nada mais é do que a divisão do município de São Paulo em áreas com semelhantes padrões de vida. Para fazer esta estratificação, leva-se em consideração: renda familiar, saneamento básico, densidade demográfica, crescimento populacional, uso residencial do solo urbano e mortalidade proporcional. A área homogênea de número 1 é a mais rica e que tem as melhores infraestruturas, conforme esse número vai aumentando (até chegar no número 5), o grau de pobreza e de carência de equipamentos também irão crescendo.

⁵ Os distritos e bairros mais votados foram: Na Zona Norte – Vila Maria, Vila Palmeira, Tucuruvi, Vila Meideiros, Vila Mazzei, Vila Guilherme, Vila Sabrina, Vila Ede; na Zona Leste – Tatuapé, Moóca, Penha de França, Alto da Moóca, Cidade Mãe do Céu, Vila Carrão, Belenzinho, Vila Prudente e Vila Formosa; no Centro – Brás e Pari.

continuum, a saber: na AH 1, onde se concentram as áreas mais ricas e na AH 5, que estão os mais pobres. Na distribuição por zonas geográficas, da mesma forma que Quadros, o malufismo teve as suas maiores votações nas zonas Norte e Leste. Contudo, quando se faz o cruzamento desses dois dados, percebe-se o mapeamento dos votos malufistas não coincide totalmente com os dos janistas: ambos têm votações altas nas mesma parte da zona Leste, mas na zona Norte, a votação do primeiro é mais restrita do que a do segundo.

Mesmo com essa pequena diferença entre o eleitorado os dois candidatos, é possível dizer claramente que existe um reduto desse eleitorado conservador de direita, que se localiza entre as classes médias baixas, perto da zona Norte, perto da Zona Leste e que não se expande para as periferias mais afastadas e mais pobres e nem mesmo para os bairros mais ricos.

A partir da análise do voto da direita e a cidade, o autor chega ao seguinte aspecto, o que dá nome a um dos seus artigos: “A direita mora do outro lado da cidade”. Ter essa constatação em vista é identificar como o seu *status social* pode ser afetado pelo seu local de moradia. As pessoas dessa nova direita, devido a sua distância social e geográfica, não são identificados nem com os mais pobres e nem são tidos como ricos. Dito de outra maneira: mesmo que as suas condições materiais de vida sejam boas, eles não usufruem, por causa da sua escolaridade baixa e da sua residência mal localizada, do campo de produção cultural e dos espaços de consumo cultural mais sofisticados que são oferecidos nas partes mais ricas da cidade. O seu *status* de não estarem nem lá e nem aqui, marca os seus modos e hábitos, seus estilos de vida e como visto acima, até mesmo o seu comportamento eleitoral, direcionado ao apoio de candidatos da direita autoritária, conservadora e moralista.

A direita cresce

Mas o fenômeno dessa direita ficou restrito às eleições de 1985 e 86? Seria apenas algo conjuntural, fruto do momento? Pierucci e Lima (1991, 1993) afirmam que não, que não só teve prosseguimento, como se expandiu para outros setores da sociedade; houve a difusão da adesão ao pensamento conservador na cidade de São Paulo.

Na eleição para governador em 1990, Paulo Maluf (PDS) novamente não conseguiu a maioria dos votos para se eleger, mas o seu eleitorado cresceu expressivamente nesse curto período de quatro anos, conquistando o primeiro lugar na preferência dos paulistanos, tanto no primeiro turno (com 37,9% dos votos, 20 pontos a mais que o segundo colocado), quanto no segundo (com 45,9%). Em comparação com a sua última eleição para o governo (1886), o eleitorado Malufista quase duplicou. Pode-se dizer, assim, que a trajetória de votos do candidato (que incluem, além do disputa a governador do estado em 1986 e 1990, o de prefeito da capital em 1988 e a de presidente da república em 1989) entre 1986 e 1990 teve uma escalada ascendente, apesar das suas derrotas, a sua força estava em progresso na cidade.

O aumento da votação dessa direita significa conseqüentemente que o eleitorado de Maluf, que se concentrava, como já visto, principalmente na região Leste e de maneira um pouco menos espalhada na região Norte de São Paulo, também se alastrou para outras partes do território.

Com a finalidade de analisar onde estão concentrados esses votos em 1990, Pierucci e Lima (1991) irão empregar mais uma vez como instrumentos de pesquisa as chamadas Áreas Homogêneas e a distribuição dos votos por zonas eleitorais.

Os dados do primeiro turno dessa eleição revelam que a região Leste e Norte estavam entre os lugares onde Maluf teve a sua maior votação, o que mostra

como elas mantiveram a sua lealdade ao longo do tempo ao conservadorismo da direita.⁶

A diferença da base eleitoral dessa eleição para a de 1986, está no apoio forte que Maluf recebeu nessas eleições das Zonas eleitorais do Jardim Paulista (que compreende bairros como Jardim Paulista, Jardim Europa, Vila Olímpia, Cerqueira Cesar, etc.) e de Indianópolis (estão inclusos os bairros de Indianópolis, Ibirapuera, Moema, Morumbi, Real Parque, Campo Belo, etc). Esse resultado mostra como o voto em Maluf se alastrou pela cidade e caminhou em direção aos bairros mais ricos das zonas Centro, Oeste e Sul da cidade.

Quando essas votações, tanto do primeiro quanto do segundo turno, são vistas pelo viés das Áreas Homogêneas, percebe-se que os seus melhores desempenhos se deram na AH 1 e na AH 2/3, enquanto na AH 4 e na AH 5, que são as áreas mais miseráveis, a taxa de votação diminui. Pode-se afirmar portanto que o eleitorado malufista historicamente concentrado entre as classes médias baixas passa a receber o reforço de um novo público: o dos setores superiores. Em contrapartida, o conteúdo conservador não angariou as camadas mais carentes.

Diante desse cenário que se apresenta em 1990, Pierucci e Lima (1991) passam a se questionar as razões dessa mudança: “Por que o eleitorado dessas zonas, que já votou maciçamente em nomes como Fernando Henrique Cardoso, Antônio Ermírio de Moraes e Mário Covas, agora consagra alguém saído das sombras do regime militar?” (PIERUCCI & LIMA, 1991:21).

Os primeiros indícios para responder a essa pergunta, os autores encontram já na eleição para a prefeitura de São Paulo em 1988. A partir do cruzamento das Áreas Homogêneas com dados de duas pesquisas sobre a intenção de voto (feitas uma três dias antes da eleição e a outra no dia) é possível perceber como eleitores de Maluf (PDS) migraram os seus votos poucos dias antes de os depositarem na urna. Apesar de ter mantido um total de 26%

⁶ As zonas eleitorais em que Maluf teve as maiores votações foram: Leste – Moóca, Tatuapé, Penha, Vila Formosa e Vila Prudente. Norte - Vila Maria, Santana e Casa Verde.

nessas duas pesquisas, no interior das Áreas Homogêneas ocorrem algumas mudanças: Nas áreas mais ricas a sua porcentagem de votos aumenta, na AH 1, por exemplo, a sua votação passa de 26% para 36%, enquanto nas áreas mais pobres, o seu número de votos tem uma queda, na AH 5 de 25% desce para 20%. Isso mostra que o número desses eleitores cresce nas partes mais ricas da cidade, ao contrário do que ocorre na periferia.

De acordo com Pierucci e Lima (1991), o deslocamento dos votos dos eleitores das classes mais altas em prol ao candidato do PSD se deve, principalmente, ao medo de que a candidata da esquerda Luiza Erundina (PT) fosse a grande vitoriosa, possibilidade que se mostrou plausível no último minuto. Sendo assim, esse voto malufista foi uma atitude estratégica racional adotada pelos mais ricos com o intuito de impedir a vitória do PT. Apesar dessa estratégia não surtir efeito no resultado final, já que Maluf não se consagrou o grande vencedor da eleição, ela mostra claramente como a classe média alta participava do jogo: diante do perigo, muda-se o seu voto e passa a votar na direita. Esse ingrediente esteve presente também em outras eleições, por exemplo, de 89 em que a chegada de Lula (PT) ao segundo turno, despertou pânico entre as pessoas de classe média e alta, levando muitas a declararem que deixariam o país caso o PT ganhasse.

[...] além dos componentes fidelidade e afinidade, o voto conservador na cidade de São Paulo passava claramente a incorporar um componente estratégico visando à derrota da esquerda representada pelo PT [...]. (PIERUCCI & LIMA, 1991: 23).

O modo como os autores enxergam o comportamento dos eleitores mais ricos da cidade de São Paulo está em clara sintonia com o modelo postulado pela teoria da escolha racional. Esse pensamento teve como precursor o clássico trabalho de Anthony Downs, “Uma Teoria Econômica da Democracia”, publicado em 1957, e uma das obras mais citadas na área da Ciência Política. Na obra, Downs (1999) postula que o indivíduo toma suas decisões com base em escolhas racionais do tipo instrumental, visando sempre à maximização do seu interesse pessoal restrito e egoísta, e não por meio de emoções ou

elementos psicológicos afetivos ou até objetivos altruístas que implicassem na renúncia de seu auto-interesse.

O eleitor racional encontrado por Pierucci e Lima (1991) nas classes mais altas, segue o seguinte dilema, que a escola da escolha racional já tinha posto: Se um indivíduo se vê diante de um sistema multipartidário, nem sempre ele poderá votar na sigla da sua primeira preferência, porque quando a primeira opção de candidato não tem muitas chances de vitória não há motivos racionais para depositar o voto em tal candidato, afinal, dado que este não será eleito, o objetivo racional do eleitor, que é a obtenção de benefícios individuais, não será atingido.

Diante disso, o eleitor é levado a processar uma escolha racional estratégica, ou seja, a votar em um candidato/partido que esteja mais próximo das suas preferências e que apresente maior possibilidade de ganhar. Ou seja, o eleitor terá que refletir sobre as probabilidades envolvidas no ato de votar. Se, por exemplo, há três candidatos disputando uma eleição presidencial e o candidato de preferência desse eleitor está em terceiro lugar nas pesquisas de opinião, sem chances, portanto, de chegar à vitória, e se o candidato que está em primeiro lugar é aquele que não é do seu agrado de modo algum, então, o eleitor, caso simpatize com o candidato que está em segundo lugar, optará por este, uma vez que com essa decisão poderá evitar a eleição do candidato que está mais distante de seus interesses.

Seguindo a proposta de Pierucci e Lima (1991), se os eleitores dos estratos médios superiores votam de maneira planejada com a pretensão de evitar que o candidato que eles têm menos preferência chegue ao poder, pode-se dizer que os seus votos não têm qualquer tipo de fidelidade e/ou lealdade por um candidato ou partido, eles simplesmente irão votar em quem tenha alguma possibilidade de vitória e que apresente uma agenda política condizente com a sua opinião. Estamos diante de um processo de volatilização do voto: trata-se, portanto, de um eleitorado informado que irá mudar as suas escolhas, provavelmente em favor a candidaturas de direita, dependendo dos fatores conjunturais do momento.

Nesse contexto, os fatores que terão um maior peso sobre o voto desse eleitor são aqueles determinados em um breve espaço de tempo, as chamadas variáveis de curto prazo, como o perfil do candidato, o desempenho do governo, assim como a campanha eleitoral (Freire: 2001). Maluf, ao longo dessas suas eleições, percebeu a importância desse fator e passou a mudar a sua estratégia com o objetivo de angariar outra parcela do eleitorado, que até então não se inclinava com seu discurso moralista e conservador. Incorporou a questão da modernidade e da competência e evitou se associar com o seu passado negro.

Naquele momento nada indicava para os autores, que esse voto continuaria fiel às candidaturas da direita ao longo do tempo, por se tratar de um eleitor volátil e racional que modificava a sua escolha dependendo do contexto e da sua estratégia. Contudo, ao analisar os resultados da eleição de 1992 para a prefeitura de São Paulo em comparação com as eleições anteriores, Pierucci e Lima (1993) observam que a base eleitoral da direita na cidade se modificou ao longo dos pleitos e que isso se mostrou consolidado. Vejamos.

Na eleição em questão, a direita consegue após uma longa caminhada chegar ao poder novamente. O processo de expansão dos votos de Maluf verificado nas outras eleições, como viemos ao longo deste trabalho salientando, mostrou que o seu eleitorado paulista estava crescendo e recebendo apoio de outros setores da sociedade: em 1992 não foi diferente! A vitória Malufista se consagrou nos dois turnos com uma grande vantagem, cerca de 14% em relação a Suplicy (PT) que ficou segundo lugar.

Mais uma vez os bairros mais ricos e com melhores infraestruturas apoiaram a candidatura de Maluf, o que mostra que não foi um mero realinhamento conjuntural. A consolidação do PT como um partido com grandes possibilidades de chegar ao poder, em diferentes contextos e situações, fez com que a distribuição dos eleitores de classe alta se deslocassem em torno da direita, trazendo à tona um novo padrão que parece se cristalizar e ganhar raízes.

Portanto, se durante as primeiras pesquisas conduzidas por Pierucci (1987, 1989), a distribuição do eleitorado da direita se desenhou em forma de um V invertido: uma votação baixa nos bairros ricos, crescendo em direção às classes médias, onde consegue o seu pico e voltando a diminuir nos bairros mais periféricos e pobres, a partir do final da década de 80, esse padrão se modifica se assemelhando a curva de votação encontrado por Lamounier (1980) para a Arena nos anos 70: quanto mais rico o bairro e melhor as suas condições, melhor será a votação de direita.

Se assim é, vale concluir que, ao contrário do que comumente se ouve por São Paulo, o aumento do voto pró-Maluf em toda a extensão da cidade, em vez de borrar as linhas de classe na distribuição das escolhas eleitorais, está – isto sim – trazendo à tona a velha e boa consistência sociológica do alinhamento eleitoral na capital. (PIERUCCI & LIMA, 1993: 98).

Considerações Finais

A história das teorias sobre a decisão do voto é um trajeto constituído por diversas tentativas de determinar as motivações dos eleitores. Conforme já observado, essa procura pelas variáveis explicativas de como as pessoas escolhem o seu candidato e o seu partido acabou por constituir três grandes correntes de investigação: a teoria sociológica, psicossociológica e da escolha racional.

Ao analisar o comportamento eleitoral no Brasil, a maior parte da literatura, iria buscar as componentes que determinam o voto partindo justamente das pressuposições e conceitos estabelecidos pelas três tradições teóricas. Contudo, é preciso ressaltar que estas teorias não foram simplesmente transplantadas na sua totalidade para o caso brasileiro, como elas foram elaboradas sob um contexto socioeconômico, com condições e culturas políticas diferentes das existentes aqui, os estudos brasileiros precisaram adaptar, de maneiras e em graus diferentes, a nossa conjuntura.

Sendo assim, as pesquisas nacionais podem ser classificadas, do ponto de vista teórico e empírico, dependendo da apropriação que elas fazem das escolas internacionais do comportamento político. Quando o estudo parte apenas de um dos três modelos, ele pode ser qualificado como do tipo “puro” e quando combina elementos de pelo menos duas teorias diferentes para defender os seus argumentos centrais, pode-se dizer que é do tipo “híbrido”. (BRITO, 2011).

Em relação às análises de Flavio Pierucci, se cada artigo for pensado de forma isolada, percebemos que nos seus estudos iniciais (1987, 1989), a abordagem sociológica é a única contemplada, mas o autor percebe que este tipo de análise não seria suficiente para explicar as mudanças ocorridas no comportamento dos estratos superiores e para conseguir entender o fenômeno, traz para a pauta uma explicação que contemple elementos de teor estratégico.

Portanto, quando pensada na sua totalidade, as pesquisas desenvolvidas por Flávio Pierucci (PIERUCCI, 1987, 1989, 1999; PIERUCCI & LIMA, 1991, 1993), como analisamos ao longo deste trabalho, podem ser classificadas como “híbridas”, pois apesar de terem um foco sociológico, o qual parte de uma perspectiva de classe para pensar a ação política dos eleitores, ao explicar as escolhas da classe mais rica, utiliza-se da teoria da escolha racional. Pode-se dizer, assim, que ao mesmo tempo que enfatiza uma perspectiva macro de análise, ou seja, de que os fatores sócio-econômicos e institucionais condicionam o comportamento do eleitor, também postula que uma parte dos eleitores paulistas toma as suas decisões na forma de escolhas racionais em termos instrumentais, visando, portanto, à maximização do seu auto-interesse.

Por fim deve-se concluir, que as descobertas realizadas pela investigação conduzida por Pierucci possibilitaram, de um maneira geral, um novo modo de compreensão do funcionamento do processo eleitoral brasileiro, mas principalmente do dinamismo do comportamento eleitoral na cidade de São Paulo na década de 80 e início de 90. Além disso, apesar da relativa

longevidade desse tipo de investigação no contexto internacional, no caso brasileiro, ainda existem muitos obstáculos a serem superados, até que os estudos sobre a participação eleitoral no país sejam consolidados com uma gama significativa de dados e de pesquisas recorrentes e nesse sentido, mais uma vez, os estudos desse autor fazem a sua contribuição.

É claro que muitas lacunas ainda precisam ser preenchidas, já que ainda não temos a resposta sobre qual modelo é o mais correto ou adequado, mas o esforço empreendido por esse sociólogo permitiu que fosse dado um passo adiante, em termos teóricos, metodológicos e empíricos, no que se refere aos estudos eleitorais no país.

Referências

- BRITO, M. L. J. D. (2011). *O comportamento eleitoral no Brasil: Uma análise das principais pesquisas e do debate (1989- 2006)*. Trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, UNIFESP, Guarulhos.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio (2000). *Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Ed. 34: Edusp.
- DOWNS, Anthony (1999). *Uma teoria econômica da Democracia*. São Paulo: Edusp.
- FIGUEIREDO, Marcus (1991). *A decisão do voto: Democracia e racionalidade*. São Paulo: Editora Sumaré/Anpocs.
- FREIRE, André (2001). *Modelos do comportamento eleitoral: uma breve introdução crítica*; Oeiras: Celta.
- LAMOUNIER, Bolívar (1980). *O voto em São Paulo, 1970-1978*. In: LAMOUNIER, Bolívar (Org.). *Voto de desconfiança*. Petrópolis: Vozes.
- PIERUCCI, Antônio Flávio (1987). *As bases da nova direita*. Novos Estudos. CEBRAP, São Paulo, SP, n.19, p. 26-45.
- PIERUCCI, Antônio Flávio (1989). A direita mora do outro lado da cidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 4, n.10, p. 46-64.
- PIERUCCI, Antônio Flávio (1999). *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; LIMA, M. C (1991). A direita que flutua: O voto conservador na eleição de 1990 em São Paulo. *Novos Estudos*. CEBRAP, São Paulo, SP, n.29, p. 10-27.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; LIMA, M. C (1993). São Paulo 92: A vitória da direita. *Novos Estudos*. CEBRAP, São Paulo, n.35, p. 91-99.